

A EDUCAÇÃO EM TEMPOS DE PANDEMIA: UM OLHAR PARA AS PERCEPÇÕES DE ESTUDANTES, PROFESSORES E RESPONSÁVEIS DE ESCOLAS DO VALE DO PARANHANA – RS SOBRE OS IMPACTOS NAS PRÁTICAS ESCOLARES

Andressa Fernanda de Oliveira Strutzki Zimer¹

Camila Quadros da Silva²

Paula Eduarda Haag³

Maria Eugênia Reis⁴

Tainara Kaminski Alves⁵

Luciane Maria Wagner Raupp⁶

RESUMO

Este artigo apresenta os resultados de uma pesquisa quali-quantitativa aplicada a professores, pais e estudantes dos anos finais do Ensino Fundamental e do Ensino Médio de escolas do Vale do Paranhana – RS, no mês de maio de 2020, acerca dos impactos do distanciamento social sobre as práticas escolares. Esta pesquisa fez parte de um estudo realizado no componente curricular *Práticas Educacionais*, das Faculdades Integradas de Taquara – Faccat/RS, ministrada pela Professora Luciane Maria Wagner Raupp. Na pesquisa, evidenciou-se que professores utilizaram, para comunicação com os alunos, suas redes sociais particulares, sem maiores suportes por parte das redes de ensino. Também se verificou que as relações entre família e escola encontravam-se tensionadas, com inversão de papéis. Somando-se a isso, perceberam-se sentimentos de pesar por parte de professores e estudantes, que apontaram para a importância do olhar e da presencialidade nas relações.

Palavras-chave: Ensino remoto. Distanciamento social. Tecnologias digitais. Relação família-escola.

ABSTRACT

This article presents the results of a qualitative and quantitative research applied to teachers, parents and students in the final years of elementary and high school in schools in Vale do Paranhana - RS, in May 2020, about the impacts of social distance about school practices. This research was part of a study carried out in the

¹ Acadêmica do curso de Letras das Faculdades Integradas de Taquara – Faccat/RS. *E-mail:* andressastrutzki@sou.faccat.br.

² Acadêmica do curso de Letras das Faculdades Integradas de Taquara – Faccat/RS. *E-mail:* camilaquadros@sou.faccat.br.

³ Acadêmica do curso de Letras das Faculdades Integradas de Taquara – Faccat/RS. *E-mail:* paulahaag@sou.faccat.br.

⁴ Acadêmica do curso de Letras das Faculdades Integradas de Taquara – Faccat/RS. *E-mail:* reiseugenia@sou.faccat.br.

⁵ Acadêmica do curso de Letras das Faculdades Integradas de Taquara – Faccat/RS. *E-mail:* tainaraalves@sou.faccat.br.

⁶ Professora das Faculdades Integradas de Taquara. Pós-Doutoranda em Linguística Aplicada pela Unisinos. Doutora em Letras/Teoria da Literatura. *lucianeraupp@faccat.br.*

curricular component Educational Practices, of the Integrated Colleges of Taquara - Faccat / RS, taught by Professor Luciane Maria Wagner Raupp. In the research, it was evidenced that teachers used their private social networks to communicate with students, without greater support from the teaching networks. It was also found that relations between family and school were strained, with role reversal. In addition, feelings of regret were felt by teachers and students, who pointed out the importance of looking and being present in relationships.

Keywords: Remote education. Social distancing. Digital technologies. Family-school relationship.

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O ano de 2020, com a pandemia do Coronavírus, fez com que todos os profissionais da educação fossem profundamente impactados, assim como os estudantes e seus responsáveis. Todos tiveram suas rotinas radicalmente alteradas e precisaram adaptar-se para que o processo educativo fosse, de algum modo, continuado. Se a educação é uma relação presencial, em que se aprende na presença do outro, ter que, sem avisos nem preparações, migrar da presencialidade para o ensino remoto constituiu-se em um desafio para os professores no mundo todo.

Seguindo a conhecida máxima de Leon Tolstói na qual o escritor afirma que, se alguém quiser ser universal, deve começar por pintar a sua aldeia, o presente artigo mostra os resultados de uma pesquisa local acerca das percepções de professores, estudantes e seus responsáveis acerca do desafio do ensino remoto nestes tempos de pandemia. Tem como propósito não apenas documentar essas percepções, mas também refletir sobre as relações entre escola e família, o que vem a contribuir também para o período pós-pandemia.

A pesquisa surgiu no decorrer do componente curricular de Práticas Educacionais das Faculdades Integradas de Taquara- FACCAT, intitulada como *Análise dos resultados das pesquisas para professores, pais e alunos*. Foi criada a partir da necessidade de sabermos como a relação família e escola está acontecendo neste período de quarentena, no primeiro semestre de 2020, quando a maioria dos entrevistados encontrava-se em casa. Outro fator que nos levou à aplicação da pesquisa foi o de identificar quais eram as expectativas dos estudantes em relação ao período de estudos domiciliares e se estavam satisfeitos com as

metodologias utilizadas por seus professores. Em relação aos docentes, buscou-se levantar quais são suas maiores dificuldades com o uso de novos recursos para as aulas e se estão recebendo auxílio por parte do corpo diretivo da escola em que lecionam. Direcionando a pesquisa aos pais ou responsáveis, preocupamo-nos em analisar a relação família e escola, escola não focando somente nos professores de seus filhos, mas também na equipe diretiva, inclusive conhecimentos sobre o Projeto Político Pedagógico.

A aplicação dos questionários aconteceu durante o mês de maio de 2020, de forma virtual, por intermédio do Google Forms. Foram construídos três tipos de questionários direcionados a professores, estudantes e pais de estudantes da rede pública e particular de ensino de uma cidade do Vale do Paranhana - RS, contendo em média dez questões cada. Não se impuseram restrições com relação à idade, formação, anos de experiência dos entrevistados, uma vez que se buscou atingir o número máximo de participantes. Grande parte das questões foi de múltipla escolha e algumas dissertativas. Nesse mesmo período, realizaram-se pesquisas e estudos na área da educação, mais ligados à educação familiar, relação família e escola e estruturas e documentos escolares. Encerrado o período de aplicação, a análise dos dados foi feita e os números e informações foram analisados junto com as questões estudadas. Levaram-se em consideração todas as respostas dos entrevistados e também os estudos realizados no componente de Práticas Educacionais das Faculdades Integradas de Taquara - FACCAT, ministrada pela professora Dr^a Luciane Maria Wagner Raupp.

2 REFLEXÕES INICIAIS: ENSINO REMOTO OU ENSINO A DISTÂNCIA?

Para início das reflexões, cabe frisar a multiplicidade de termos que são usados para se referir às atividades educacionais realizadas fora do ambiente tradicional de sala de aula. Em termos de legislação, tem-se o Decreto Lei nº 9.057/2017, que proporciona amparo legal para as instituições de ensino público e privado, conceituando educação a distância da seguinte forma:

Art. 1º :Para os fins deste Decreto, considera-se educação a distância a modalidade educacional na qual a mediação didático-pedagógica nos processos de ensino e aprendizagem ocorra com a utilização de meios e tecnologias [digitais] de informação e comunicação [TDICs], com pessoal qualificado, com políticas de acesso, com acompanhamento e avaliação compatíveis, entre outros, e desenvolva atividades educativas por estudantes e profissionais da educação que estejam em lugares e tempos diversos (BRASIL, 2017, n.p⁷).

A referida lei prevê, portanto, que os estudantes e os professores (ou outros profissionais da educação) estejam em tempos e lugares diversos. Em se tratando do período da pandemia, sabe-se que os modos de se fazer esse ensino “a distância” foram múltiplos, de acordo com as possibilidades de acesso às tecnologias, ou seja, da inclusão digital de professores e estudantes, o que está intimamente atrelado à inclusão social. Em alguns contextos mais privilegiados, professores e estudantes, mediados por ferramentas de videoconferência, puderam se encontrar de modo síncrono, simulando o andamento corriqueiro das aulas. Já em outros contextos, responsáveis retiraram, em data e hora marcada, tarefas impressas semanalmente nas secretarias das escolas.

Tendo em vista essa observação da realidade, cunha-se, aqui, para fins deste trabalho, a diferença entre ensino remoto e ensino a distância, uma vez que tais termos denotam práticas diferentes e, por isso, não podem ser usados indiscriminadamente. Por ensino remoto, entende-se a atividade mediada por plataformas virtuais em que os estudantes e os professores se encontram de modo síncrono, em data, horário e ambiente previamente marcados, ou seja, todos os parceiros do ato educativo encontram-se no mesmo momento conectados, permitindo interações de acordo com as possibilidades da plataforma escolhida. Já por ensino a distância compreende-se a atividade organizada pelo docente e encaminhada ao aluno para que ele a faça posteriormente, no tempo em que desejar, de modo assíncrono. Essas atividades podem ser encaminhadas de modo físico ou virtual. Entram nessa categoria os exercícios impressos retirados na secretaria da escola, atividades disponibilizadas via redes sociais, Google Classroom, Google Drive, vídeos no YouTube, entre outros.

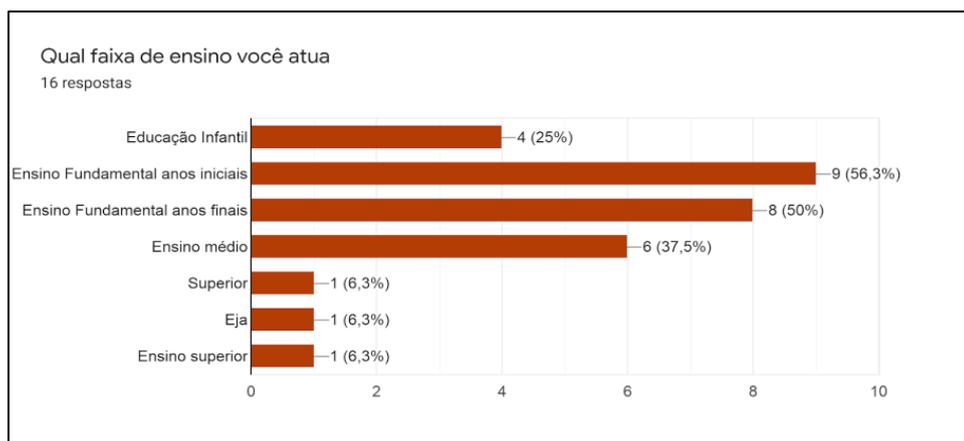
⁷ n.p = não paginado. Como o texto original, extraído da Internet, não apresentava paginação, não foi possível, neste trabalho, indicar a página da citação direta (N. A.).

À luz disso, passa-se a analisar o que professores, estudantes e responsáveis responderam aos questionamentos feitos via Google Forms. Esses questionários foram compartilhados nas redes sociais das autoras para que professores e responsáveis residentes no Vale do Paranhana respondessem, obtendo-se 16 respostas de professores e 10 de responsáveis. Para os estudantes, foram encaminhados diretamente os links dos formulários para seus endereços eletrônicos, recebendo a devolutiva de 10 deles.

3 PERCEPÇÕES DOS PROFESSORES QUANTO AO USO DAS TECNOLOGIAS PARA AULAS REMOTAS

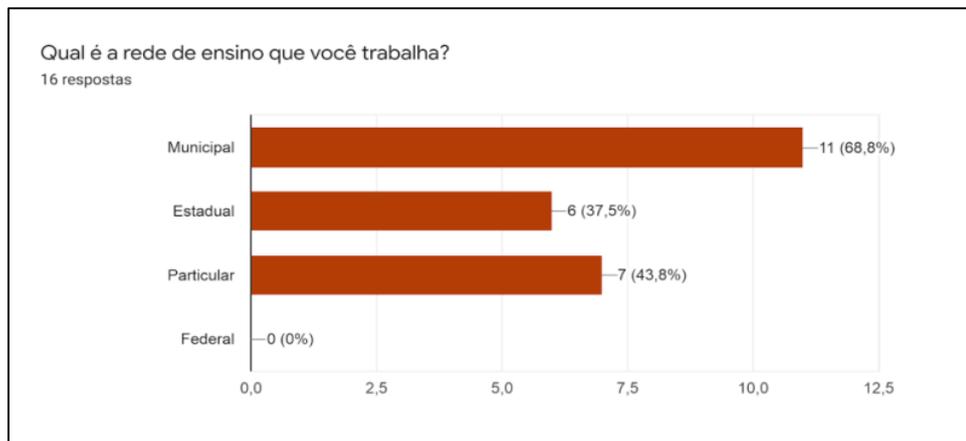
Os 16 professores que participaram da pesquisa atuam nos mais diferentes níveis de ensino e, muitas vezes, em mais de um deles. Essa diversificação também se aplica quanto às redes de ensino em que trabalham, conforme se pode verificar nos Gráficos 1 e 2 (p. 95). Considera-se essa característica como bastante positiva nesta amostra, uma vez que serão capazes de opinar sobre diferentes realidades educacionais.

Gráfico 1 - Níveis de ensino em que os professores entrevistados atuam



Fonte: As autoras (2020).

Gráfico 2 - Redes de ensino em que os professores entrevistados atuam



Fonte: As autoras (2020).

Em relação à manutenção das atividades educacionais, 31,3% dos professores entrevistados afirmaram que não o estavam fazendo no momento da pesquisa. Alguns especificaram que, na Educação Infantil, não mantiveram; outros, que não estavam fazendo ainda, mas que a escola estudava a possibilidade. Quanto à preparação para atividades mediadas por tecnologias, 80% dos entrevistados respondeu que não teve preparo para esse tipo de atividades por parte das escolas ou das secretarias de educação.

Essa falta de preparo por parte das escolas ou das secretarias de educação é algo bastante preocupante, pois, como a pesquisa foi realizada em maio de 2020, os gestores já poderiam ter se organizado para proporcionar essa formação continuada aos professores, ou, pelo menos, iniciá-la. Em certa medida, esse despreparo pode ser evidenciado quando se observam os recursos utilizados pelos docentes para a interação com os alunos, conforme se vê no Gráfico 3 (p. 96):

Gráfico 3: meios utilizados pelos docentes para interação digital com os alunos



Fonte: As autoras (2020).

Nesta pergunta, os respondentes poderiam assinalar mais de uma opção. Percebe-se que a maior parte usa meios que não são ferramentas oficiais da rede de ensino, como Whatsapp e Facebook, misturando a vida pessoal dos docentes à profissional muitas vezes. Isso ainda se agrava quando, no uso de outras plataformas, como o Google Meet e o Microsoft Teams, a intimidade dos lares dos professores passa a ser exposta por meio das chamadas on-line de vídeo, ou – pior ainda - as aulas passam a ser gravadas. Nesse sentido, também se pode abrir a discussão acerca dos princípios de propriedade de imagem, de direitos autorais, questões que, no entanto, fogem ao objetivo central deste artigo.

Igualmente, chamou-nos a atenção de apenas uma pessoa informar que usa uma plataforma própria da instituição de ensino e de outra indicar que usa o “Teams em off, pois não foi autorizada”. Esses dois casos apontam, mais uma vez, para o descontrole das instituições acerca das ações docentes e da falta de uma linha oficial de ação.

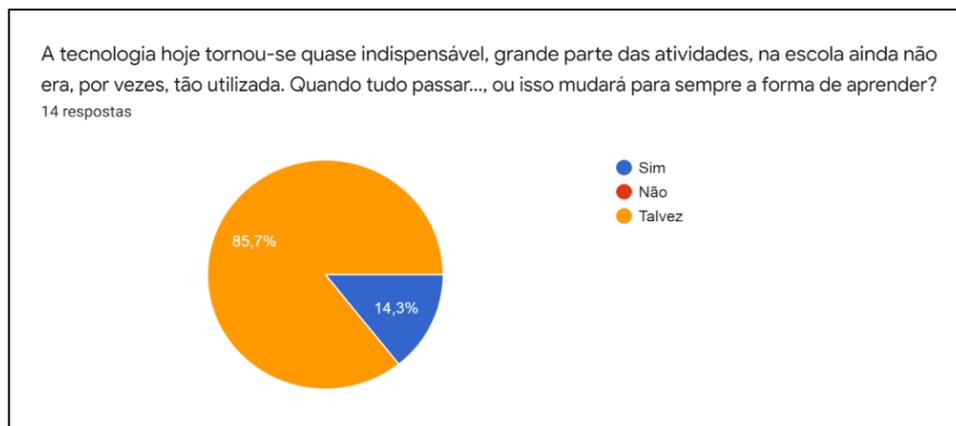
Por outro lado, essas soluções encontradas pelos professores vão ao encontro do que diz a quinta Competência Geral Docente, prevista na BNC – Formação, a saber:

Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas docentes, como recurso pedagógico e como ferramenta de formação, para comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e potencializar as aprendizagens (BRASIL, 2019, p. 17).

Ainda que os professores entrevistados tenham tido sua formação inicial antes da vigência da Portaria nº 2.167, publicada no D.O.U. de 20/12/2019, percebe-se que a situação excepcional e de urgência fez com que recorressem às tecnologias digitais para a resolução de problemas. Mesmo que tenham feito isso de forma provisória, de acordo com os conhecimentos que tinham como usuários das redes sociais, tal prática mostra o compromisso desses profissionais que responderam o questionário de forma voluntária.

Já os estudantes que responderam o questionário, quando perguntados sobre o uso das tecnologias e sua possível continuidade após este período de ensino remoto, na presencialidade, obtiveram-se as respostas representadas no Gráfico 4 a seguir:

Gráfico 4: Questionário dos estudantes: uso das tecnologias após a Pandemia



Fonte: As autoras (2020).

Se, por um lado, a resposta à pergunta “*A tecnologia hoje se tornou quase indispensável, grande parte das atividades, na escola ainda não era, por vezes, tão utilizada. Quando tudo passar, você acredita que será como antes, ou isso mudará para sempre a forma de aprender?*” foi majoritariamente de dúvida, com um “Talvez”

(85,7%), não se registrou a resposta “Não”. Dessa forma, na percepção dos estudantes entrevistados, o uso das tecnologias digitais na educação é uma realidade possível, e a incerteza pode ser creditada, provavelmente, às condições de acesso a ela nas escolas. Isso porque, quando perguntados sobre o que mudariam nas suas respectivas escolas na volta ao ensino presencial, houve respostas transcritas a seguir:

Reformar a quadra de esportes e o refeitório.
Reformar a Biblioteca.
Reformar o laboratório de Informática.
Repaginação nas matérias, professores e ensinamentos.
Ter internet na escola para os alunos.
A pracinha que quase todos os brinquedos estão caindo aos pedaços e também um elevador para os cadeirantes.
Ter computadores funcionando no laboratório.
Ensinar os alunos.
Ensinar as crianças.
Deixar as salas maiores.
Algumas reformas.
Ter acesso à internet.

Percebe-se, pois, pelas respostas transcritas, que os estudantes apontam reformas físicas de prédios e de equipamentos, mas também reformas metodológicas – “ensinar os alunos / as crianças”; “repaginação nas matérias, professores e ensinamentos”. De ambos os lados, as respostas descortinam traços do descompasso entre as expectativas dos estudantes frente à escola e o que encontram nela. Talvez por isso que tenham respondido que “talvez” as tecnologias digitais tenham vindo para ficar depois do período de isolamento social, pois já têm consciência das limitações de recursos nas escolas.

4 CONTINUIDADE DAS ATIVIDADES DOCENTES E DISCENTES DURANTE O PERÍODO DE DISTANCIAMENTO SOCIAL

Por outro lado, quando perguntado a pais e a estudantes sobre o recebimento de atividades remotas, percebe-se que nem todos, na metade do ano de 2020, em escolas do Vale do Paranhana, estavam recebendo-as, conforme podemos ver nos Gráficos 5 e 6 a seguir:

Gráfico 5: Questionário aos pais ou responsáveis - Durante a pandemia, seu filho(a) está recebendo atividades para fazer em casa?



Fonte: As autoras (2020).

Gráfico 6: Questionário aos estudantes – Durante a pandemia do Coronavírus, vocês estão utilizando o ensino a distância?



Fonte: As autoras (2020).

Percebem-se, nos Gráficos 5 e 6 apresentados, que percentuais muito próximos de pais e de estudantes apontaram que não estavam acontecendo, até o momento, atividades de ensino remoto: 55,6% dos pais e 57,1% dos estudantes⁸. Como o questionário foi distribuído de forma aberta nas redes sociais das pesquisadoras, percebe-se que as realidades do ensino na região são múltiplas, com diferentes configurações, níveis de exigência, modos de organização. Se, por um lado, isso é positivo no sentido de dar autonomia aos agentes; por outro, também

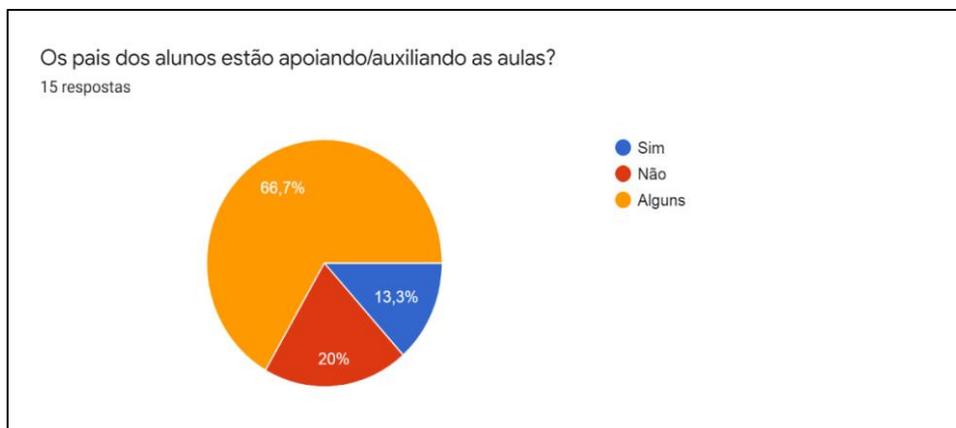
⁸ É importante frisar que foram selecionados, para esta pesquisa, estudantes e pais ou responsáveis por estudantes dos anos finais do Ensino Fundamental e do Ensino Médio.

mostram os abismos no que tange à qualidade do ensino, à capacitação e ao acesso às plataformas digitais e ao letramento digital.

5 RELAÇÕES ENTRE FAMÍLIAS E ESCOLAS

Acerca da relação entre família e a escola, questionou-se aos professores se estavam recebendo apoio das famílias na realização das atividades remotas. A partir das respostas coletadas, elaborou-se o Gráfico 7:

Gráfico 7: apoio dos pais às aulas remotas



Fonte: As autoras (2020).

Conforme o Gráfico 7, apenas 13,3% dos professores responderam que os pais estão apoiando as atividades remotas. A maioria dos docentes optou pela via do centro, apontando que alguns pais apoiam essas atividades. No entanto, questiona-se em que consistiria o apoio dos pais a essas atividades. Uma vez que o papel da escola é dar acesso aos bens culturais da humanidade, ao conhecimento que desenvolve habilidades, competências, atitudes, não cabe aos pais o “ensino” de “conteúdos”, mas criar o ambiente e os meios ideais para que seus filhos desenvolvam as atividades solicitadas pela escola de modo pleno e autônomo. Porém, na prática, as relações não são tão simplistas, observando-se que, com frequência, esses papéis se atravessam e deslizam de uma parte a outra. O que se deve pontuar, no entanto, é que:

Família e Escola emergem, assim, como duas instituições fundamentais para promover os processos evolutivos dos indivíduos, actuando como propulsoras ou inibidoras do seu crescimento físico, intelectual, emocional e social. Como tal, deveriam ser contextos aliados e parceiros imprescindíveis, constituindo-se como uma equipa em que as normas, os princípios e os critérios estabelecidos por ambos seguem o mesmo rumo e a mesma direcção, criando e proporcionando as condições necessárias, para que os objectivos propostos a atingir sejam efectivamente cumpridos, ou seja, o sucesso escolar e social das nossas crianças e jovens (LOUREIRO, 2017, p. 105).

Além disso, se, para o sucesso educacional dos estudantes e para a continuidade dos estudos, em condições regulares de ensino, a parceria entre família e escola é fundamental (SARAIVA-JUNGES; WAGNER, 2016), então, em um contexto como o deste ano de 2020, torna-se ainda mais relevante. No entanto, sabe-se que a realidade de grande parte dos lares brasileiros não favorece os estudantes, seja pelas condições precárias das habitações, seja pela grande quantidade de pessoas que moram em uma mesma casa, gerando ruídos excessivos, distrações, falta de um local apropriado para os estudos. Soma-se a isso o fato de muitos dos adultos responsáveis não terem, frequentemente, condições de prestar esse auxílio devido a sua baixa ou ineficaz escolaridade ou mesmo por questões de personalidade, como a falta de paciência, ou por questões de trabalho. É o que responderam os pais no questionário, quando perguntados se auxiliam os filhos em suas tarefas:

*Não, quando eu estudava não cheguei a aprender essas coisas.
Não tenho tempo, pois não parei de trabalhar.
Não consigo, pois não entendo essas tarefas.
Tenho trabalho e casa para cuidar⁹.*

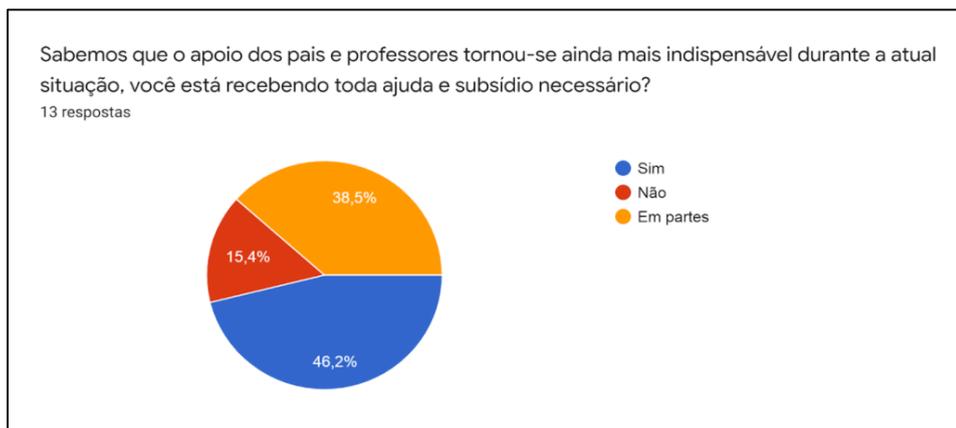
Percebe-se que, para esses pais, auxiliar os filhos nas tarefas não significa fornecer o ambiente e os recursos necessários para que as executem de modo autônomo – ainda mais em se tratando de estudantes dos anos finais do Ensino Fundamental e do Ensino Médio. Quando externalizam que “não chegou a aprender essas coisas” ou que “não entende essas tarefas”, aponta para o fato de compreender que seria de sua alçada explicar as atividades ou reforçar os objetos

⁹ As transcrições dos sujeitos da pesquisa serão apresentadas na mesma formatação das citações, porém em itálico, para diferenciar do referencial teórico utilizado no trabalho.

de conhecimento envolvidos nessa tarefa. Se, por muito tempo, a queixa da escola era a de que estava fazendo o papel dos pais, ao ensinar valores, hábitos de higiene, regras de etiqueta, entre outros, neste período de pandemia, de certa forma, há uma inversão do lugar de partida dessas queixas.

Por seu turno, os estudantes entrevistados não parecem sentir-se, pelo menos em parte, apoiados neste momento, conforme mostra o Gráfico 8:

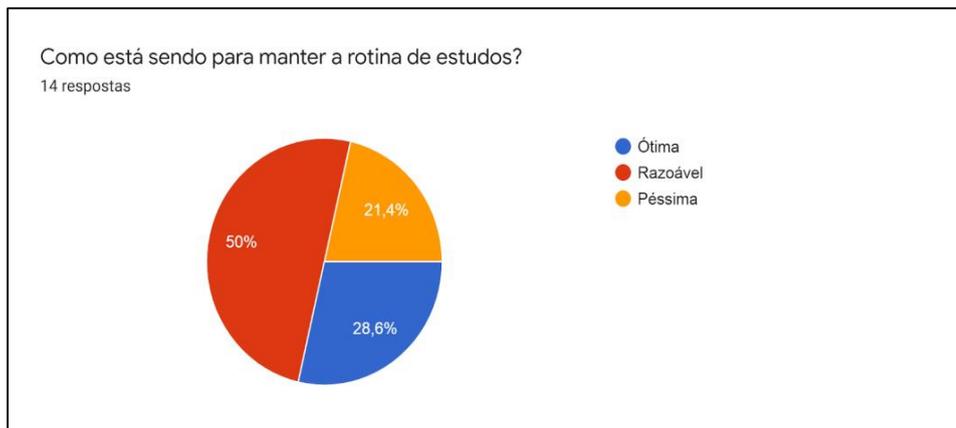
Gráfico 8: questionário dos estudantes – apoio dos pais e professores



Fonte: As autoras (2020).

Totalizando 53,8% dos entrevistados, os estudantes responderam que percebem que estão recebendo em parte a ajuda e subsídios necessários por parte dos pais e professores (34,5%) ou não estão recebendo essa ajuda (15,4%). A análise desse dado pode ser complementada com a observação dos resultados obtidos com o questionamento sobre a manutenção da rotina de estudos, conforme se vê no Gráfico 9 (p. 103):

Gráfico 9: questionário dos estudantes – manutenção da rotina de estudos



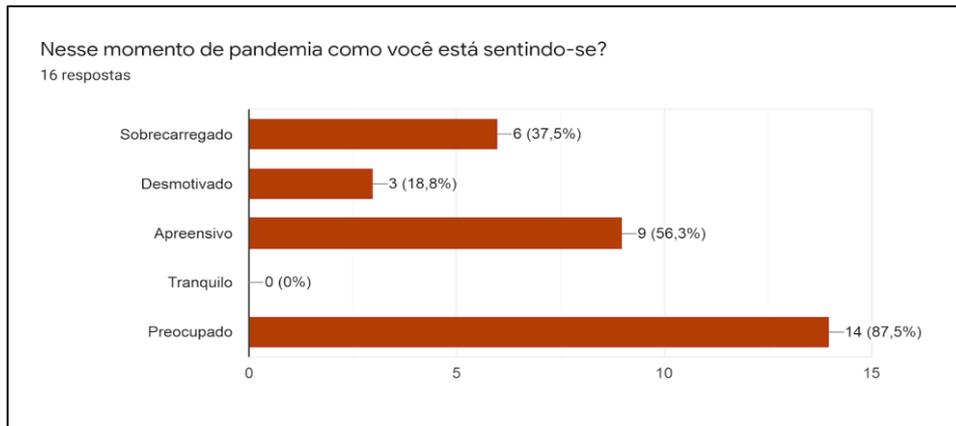
Fonte: As autoras (2020).

De acordo com o que se vê no Gráfico 9, os estudantes, em sua maioria, percebem que não mantêm uma boa rotina de estudos. Nesse sentido, a intervenção dos adultos responsáveis – a família – seria de fundamental importância, uma vez que, no distanciamento social, os professores não têm mais como interferir nesse processo. Questiona-se, portanto, até que ponto os pais ou responsáveis realmente sabem quais são os seus verdadeiros papéis no apoio aos estudantes e até que ponto não seria dever da escola esclarecer-lhes sobre isso. Trata-se, pois, de uma tarefa que não acaba com a pandemia: a de estabelecer laços e diálogos francos e abertos com as famílias, pactuando procedimentos e regras bilaterais sem, contudo, cair na inflexibilidade ou na insensibilidade.

6 SENTIMENTOS DE PROFESSORES E DE ESTUDANTES FRENTE À PANDEMIA

Em relação aos sentimentos de professores em relação ao distanciamento social e ao enfrentamento do ensino remoto, perguntou-se aos professores como estavam se sentindo naquele momento da pandemia (maio de 2020). As respostas obtidas estão representadas no Gráfico 10 (p. 104):

Gráfico 10: Questionário dos professores: Nesse momento de pandemia, como você está se sentindo?



Fonte: As autoras (2020).

Nenhum professor escolheu a opção “tranquilo” ou “outros”. Além disso, apenas duas das 16 pessoas não marcaram a opção “preocupado”. Já em maio, 6 marcaram a opção “sobrecarregado”. Tais respostas levam a lembrar da competência geral de número 8 prevista na BNC - Formação: “Conhecer-se, apreciar-se e cuidar de sua saúde física e emocional, compreendendo-se na diversidade humana, reconhecendo suas emoções e as dos outros, com autocrítica e capacidade para lidar com elas, desenvolver o autoconhecimento e o autocuidado nos estudantes” (BRASIL, 2019, p. 17).

Esse período conturbado da história da humanidade pelo qual estamos passando é estressor em todas as profissões, e os professores não saíram ilesos dela, tendo em vista que seu fazer é uma relação em presença, já que, até então, para a maioria dos docentes: “Ensinar é entrar numa sala de aula e colocar-se diante de um grupo de alunos, esforçando-se para estabelecer relações e desencadear com eles um processo de formação mediado por uma grande variedade de interações” (TARDIF; LESSARD, 2008, p. 167).

Como fazer isso virtualmente, através das telas do computador, de videoconferências, ou, pior ainda, de fotocópias disponibilizadas semanalmente na secretaria da escola para os pais ou responsáveis, de forma escalonada, retirarem e levarem para os estudantes? Tal guinada justifica o sentimento de ansiedade generalizada dos professores, que encontra eco em parte dos estudantes também.

Quando questionado aos estudantes sobre o que mais estava lhes fazendo falta até aquele momento, registraram-se as seguintes respostas:

Do que sente falta neste momento da pandemia?

*De sair
Dos colegas
Amigas
Minhas amizades e um ensino no mínimo razoável
Eu sinto falta da minha rotina.
Eu sinto falta da minha rotina.
Dos amigos, da família
Da família e dos amigos
Da escola
A escola
Colegas
Sinto falta de ver os meus amigos e familiares.
Dos professores olhando pra nós e explicando*

Percebe-se, pois, que os estudantes foram impactados nas suas rotinas, uma vez que verbalizaram sentir falta dela (uma resposta), assim como de familiares (3 respostas), de amigos (5 respostas), de colegas (duas respostas) e da escola (duas respostas). Um estudante mencionou sentir falta de “um ensino no mínimo razoável”, expressão que deixa subentendido que o ensino, neste período, não chega a ser razoável e que, na normalidade, seria razoável pelo menos.

Chama a atenção a resposta do estudante que diz sentir falta “Dos professores olhando pra nós e explicando”. A importância do olhar do outro, do adulto, como estruturante, especialmente na adolescência, emerge na resposta deste estudante e aponta para as palavras de Antério (2014, p. 244):

Compreender o olhar como um canal efetivo da comunicação corporal é considerar que o corpo é, antes de qualquer coisa, uma evidência do ser humano, que o acompanha desde o seu nascimento. Assim, à medida que o sujeito vai se desenvolvendo, seu corpo apropria-se de uma conjuntura contemplada por tradição, costumes, cultura, hábitos, enfim, fatores inerentes a um sujeito tipicamente social.

Ora, essa comunicação corporal – professores estudantes enlaçam-se no processo de ensinagem por todos os sentidos – só se dá em presença, só ocorreu em presença até março de 2020. Contemplar corpos, sons, cheiros, expressões por intermédio de tecnologias digitais (ou nem isso) é absoluta novidade e

(im)possibilidade. Do mesmo modo, tradições, hábitos, costumes, brincadeiras, socialização sempre perpassaram uma corporalidade que as tecnologias digitais não conseguem, por enquanto, suprir. O abraço do professor, a risada abafada do colega, os passos ligeiros no corredor, o cheiro do lanche e a dança da comemoração do gol na aula de Educação Física não podem, nunca, ser substituídos por atividades *in absentia*.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desse modo, a pesquisa revelou o que já se sabia: as relações educacionais *in absentia*, promovidas (ou precipitadas?) pelo distanciamento social devido à pandemia do Covid 19 expõem as fragilidades do sistema educacional – e, por que não dizer, as fragilidades do *modus vivendi* capitalista e excludente em que estamos submersos e a que estamos submetidos. De um lado, temos o uso das tecnologias digitais como um recurso para que, de algum modo, as atividades educacionais não cessem; de outro, temos redes de ensino despreparadas e a falta de acesso à internet e a computadores. Somando-se a isso, sabe-se que o uso de tais recursos na retomada das atividades presenciais, como um propulsor do letramento digital e colocando-se no compasso do mundo globalizado, não é garantido, tendo em vista a precariedade da infraestrutura das escolas.

Tendo em vista que os alunos não terão o contato com a sala de aula, grande parte das vezes o encontro será por meio das redes sociais, o professor deve criar atividades que atraem o olhar dos alunos, porém o mesmo deve levar em consideração que alguns alunos não possuem o acesso, ou até mesmo, não possuem uma rede de apoio familiar para executar determinadas tarefas, tornando assim seu papel ainda mais complexo.

Também se complexificam as relações entre famílias e escolas. Se, antes da pandemia, muitas vezes os professores queixavam-se de estar desempenhando papéis da alçada dos pais, agora a queixa ocorre ao contrário: são os pais que dizem estar desempenhando tarefas dos professores. Nesse sentido, a herança que este período deve deixar é a urgência de se estreitarem os laços entre ambas as instâncias em prol do pleno desenvolvimento intelectual, psíquico, afetivo e social

dos estudantes, assegurando também a sequencialidade e a terminalidade dos estudos. Para isso, há que se aprender, juntos, a construir laços, acordos, espaços de escuta.

Em relação aos sentimentos expressos por alunos e professores, eles sintetizam tudo o que este artigo trata: nada substitui o ensino presencial de qualidade.

REFERÊNCIAS

ANTÉRIO, Djavan. A importância do olhar na relação comunicativa entre professor e aluno. **Revista Temas em Educação**, João Pessoa, v. 23, n. 2, p. 234-248, 2014.

BRASIL. Decreto nº 9.057, de 25 de maio de 2017. Regulamenta o art. 80 da lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Diário Oficial da União** [República Federativa do Brasil], Brasília, DF, 26 maio 2017. Seção 1, p. 3.

_____. Portaria nº 2.167, de 19 de dezembro de 2019. O MINISTRO DE ESTADO DA EDUCAÇÃO, Substituto, no uso da atribuição que lhe confere o art. 87, parágrafo único, inciso II, da Constituição, tendo em vista o disposto no art. 2º da Lei nº 9.131, de 24 de novembro de 1995, e conforme consta do Processo nº 23000.040581/2018-55, resolve:.. **Diário Oficial da União** [República Federativa do Brasil], Brasília, DF, 20 dez. 2019. Seção 1, p. 142.

LOUREIRO, Marta Assis. Relação família-escola: educação dividida ou partilhada?. **Jornal Internacional de Psicologia Educacional e do Desenvolvimento**, Badajoz, v. 3, n. 1, p. 103-113, 2017. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=349853365011> Acesso em: 19 nov. 2020.

SARAIVA-JUNGES, Lisiane Alvim; WAGNER, Adriana. Os estudos sobre a Relação Família-Escola no Brasil: uma revisão sistemática. **Educação**, v. 39, n. Esp. p. 114-124, dez. 2016. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=84850103013>. Acesso em: 20 nov. 2020.

TARDIF, Maurice; LESSARD, Claude. **O trabalho docente**: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas. Tradução de João Batista Kreuch. Rio de Janeiro: Vozes, 2008.